

## Capítulo I

prolegômenos inevitáveis

Jozimar Paes de Almeida

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALMEIDA, JP. Prolegômenos inevitáveis. In: *Errante no campo da razão: o inédito na história; contribuição para um estudo de história e ecologia* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008, pp. 7-17. ISBN 978-85-99662-70-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CAPITULO I

# PROLEGÔMENOS INEVITÁVEIS

*Se o homem e a história são tratados como coisa ou conjunto de coisas, o futuro será invariavelmente o prolongamento do passado e do presente, seja por generalização, seja por analogia, uma vez que se pressupõe que o homem, tratado como coisa, é como tal incapaz de ruptura com o passado ou de criação inédita, em suma, de novidade imprevisível*

Roger Garaudy

### **Apresentação**

Este trabalho visa apresentar uma reflexão sobre as relações da História enquanto conhecimento e a crise ambiental, problemática complexa que ocorre na sociedade contemporânea abrangendo o planeta como um todo.

Situo-me na denominada sociedade contemporânea, entendendo a carga de ambigüidade que esta denominação possui enquanto determinação temporal subjetiva contida na designação da expressão do nosso tempo.

Tal designação sugere a continuidade imutável de uma situação histórica estabelecida através do tempo, pois o seu efeito indica que mesmo tendo sido transcorridos milhares de anos e a sociedade se alterado, a denominação contemporâneo continuará a ter validade para os seres existentes, pois estará refletindo o tempo de suas existências. Desta forma, não estará auxiliando a identificar as distinções entre os momentos históricos no tempo e suas composições por diferentes sociedades.

Considerando todos esses fatores que alertam quanto a indistinção dos eventos, posicione-me definindo um momento e uma sociedade específica. Neste caso fixo como parâmetro central do estudo o período que parte de 1987 e vai até 1991, devido ao material de pesquisa de que disponho, ou seja, os Estudos de Impacto Ambiental e seus respectivos Relatórios de Impacto Ambiental, elaborados e analisados em um processo que se tomou obrigatório e se instalou na sociedade brasileira, ou pelo menos no Estado de São Paulo.

No decorrer deste trabalho irei situar os EIAs-RIMAs adequadamente, por enquanto estou apenas buscando balizar-me no tempo, sem no entanto restringir-me inflexivelmente a este período, já que ele traz em seu bojo os desdobramentos de todo um processo histórico.

Poderia acrescentar a designação de sociedade contemporânea, adjetivos que melhor qualificassem o período abordado, como: nuclear, espacial, telemática, e outros similares. Estes, representam características de um domínio instrumental tecnológico, produzido por um aparato científico imerso em uma sociedade que realiza intensa e maciça produção e consumo dos recursos naturais que constituem o meio ambiente.

Neste mesmo instante em que existe uma ativa produção industrial, emerge em escala planetária destruições do meio ambiente. Estas degradações são propaladas como configurando uma crise ambiental. Esta crise é reconhecida como oriunda das seguintes circunstâncias exemplares: do aquecimento da atmosfera por gases decorrentes da queima de combustíveis fósseis, da destruição

nesta mesma atmosfera da camada de ozônio pela emissão do gás CFC (clorofluorcarbono), componente de equipamentos que se utilizam dele para funcionar, da poluição dos oceanos por descargas de resíduos tóxicos, da extinção em massa da biodiversidade, devido a utilização inadequada da mesma.

Por tudo isso, situo inicialmente o eixo desta problemática nas formas pelas quais os homens estabelecem suas relações entre si e com o meio ambiente, pretendendo atingir a raiz principal da questão<sup>1</sup>: a produção dos valores culturais e materiais que demonstram a estruturação e o funcionamento da sociedade.

### **Considerações sobre valores**

Esse trabalho é também uma construção de valores, inseridos em minha vida social, imersa em um contexto histórico, repleto de amplas perspectivas de análises alternativas da questão em foco.

Estes valores estão impregnados na árvore social, que ao ser cortada pelo machado da crítica, exala a essência de sua substância, tomando transparente o processo em que ocorreu uma ideologização distorcida da História pelo progresso e desenvolvimento, que surgem enquanto conceitos portadores de juízos de valores intrínsecos do seu emissor histórico e contendo uma significação de domínio sobre a natureza.

Postulo que este juízo surge como se fosse algo natural à ser necessariamente cumprido, estabelecendo um sentido obrigatório de realizações a ser seguido por toda a espécie humana, envenenando mortalmente com tal atitude a essência da História: o inédito.

Mesmo tomando a História como possuindo o inédito enquanto um pilar fundador, isto não implica necessariamente em a entendermos como uma indeterminação absoluta. Não existiam, por exemplo, condições históricas dadas para a construção de uma bomba nuclear no século XIX. Estas condições propiciaram a sua elaboração no século XX, mas elas só foram consolidadas, enquanto bomba, por escolha de interesses político-militares, bem como o local de sua explosão.

Por que foi Hiroshima o local escolhido e não um símbolo desabitado do Japão, como o topo do monte Fuji? Ou por que, com tal tecnologia não se construiu inicialmente aparelhos médicos para debelar o câncer?

Isto significa que nos momentos históricos abre-se um amplo leque de opções à serem trilhadas. Os homens que gestam suas vidas, realizam suas escolhas segundo forças dos interesses dominantes (sociais, econômicos e políticos) naquele momento e lugar. Por isso o novo é uma potencialidade presente no cerne da História.

O inédito emerge no rio turbulento da História, como um fator inesperado que surge à tona, trazendo elementos indeterminados aos navegantes, que procuram no decorrer de sua viagem supostamente perpétua, decifrar as inscrições enigmáticas do desconhecido curso do rio.

Acredito que nos dias de hoje a idéia de História esteja muito mais próxima da representação de uma jangada ao sabor das torrentes, do que da de um trem acorrentado a trilhos constantemente paralelos.

Sempre se apresentou para a humanidade o desafio de entender a sua própria natureza, como ela se constitui enquanto essência, bem como as suas ações em relação endógena e com o mundo para além de seu próprio umbigo. O homem cultural e histórico é a vida que se tomou existência,

---

<sup>1</sup> ENZENSBERG, Hans Magnus - "A Critique of Political Ecology", p.28 e 30.

isto ocorreu quando a vida se soube vivendo e pensando pôde expressar elaborações mentais sobre si mesma e o ambiente. Ao saber que sabia, soube que podia saber mais. O afã dessa possibilidade aberta contamina o próprio processo de conhecimento.

O homem não está apenas no mundo, está com o mundo, mudando-o constantemente e sendo por ele mudado. Para o homem enquanto ser social, o mundo só pode existir a partir de sua própria existência, o que leva a magníficas exacerbações (o que não ocorreu em todas as culturas) sobre sua importância no cosmos.

Este julgamento de valor não é nato, mas constitui-se de forma e intensidade diferentes, de acordo com cada cultura, variando no tempo e no espaço vinculado às formas de relacionamento entre si e com a natureza, historicamente determinadas.

Denomina-se na História antropocentrismo, a justificativa humana de considerar-se como fundamento da existência do universo. Isto leva o indivíduo a entender-se enquanto o centro do mundo, o que não deixa de ser uma grande ousadia deste ser que nasce, vive e morre ao acaso<sup>2</sup>.

Denomina-se também como etnocentrismo, o fenômeno pelo qual a cultura em que se criou este ser humano se auto proclama possuidora do poder supremo de julgar segundo os seus próprios valores todo o cosmos: praticando desta forma um magnífico reducionismo.

O conceito de meio ambiente, bem como os signos lingüísticos que usamos para nos comunicar ou efetuar cálculos, são criações históricas que estão vinculados carnalmente a existência humana. Ambos são influenciados pelo antropocentrismo e pelo etnocentrismo.

Estas produções são diferentes em decorrência das várias culturas que as produziram, e pela época em que foram geradas. Isto significa dizer que esquimós, aborígenes da Austrália, camponeses medievais, egípcios do tempo de Cleópatra e executivos de Manhattan compreendem diversamente o mundo através destes Signos.

Enfim existe uma leitura hegemônica do mundo dentro de cada cultura, que não é uma devido às relações sociais de sua própria formação histórica. Isto não significa necessariamente uma exclusão de qualquer comunicação que possa ocorrer entre elas ou mesmo entre grupos que demonstram uma dissidência com a cultura dominante. Nesse caso, ocorre, então, a possibilidade de entendimento recíproco de valores por intermédio de uma sensibilidade e comunhão de interesses.

Um meio pelo qual se compreende os eventos está marcado, pelo modo de como estes são criados e moldados por seus produtores e escritores. As ações construídas pelos homens entre si e com o meio ambiente expressam a História. Desta forma, as reflexões contidas sobre este processo estão no seu interior, sendo portanto históricas.

Em outras palavras, os homens produzem a sua História imprimindo na natureza a sua marca: diques, estradas, ferramentas, casas; assim como em uma atividade dinâmica e reflexiva, elabora conhecimento sobre esta produção. Este conhecimento criado pode transmitir através da escrita, reflexões sobre estas impressões, permitindo compreender estes eventos e seus autores, pela forma ou pelo papel que lhes foi inscrito neste processo.

A linguagem científica é profundamente limitada quanto a transmitir uma visão de conjunto desta realidade extremamente múltipla, dinâmica e indescritível. Quando se trabalha com tal complexidade é a linguagem poética que oferece auxílio indispensável para uma transmissão de maior qualidade das experiências sensoriais.<sup>3, 4 e 5</sup>

---

<sup>2</sup> MORIN, Edgar - O método II - A vida da vida, p. 181.

<sup>3</sup> CAPRA, Fritjof - Sabedoria incomum, p. III e 113.

<sup>4</sup> REVES, Hubert - Malicorne, p. 75.

Esta reflexão é produto de um ser que tem sua existência inscrita num contexto histórico<sup>6</sup>, sujeita a momentos de dúvidas, de euforia, de angústia, de tristeza, de encontros, de perdas, de desvios e ainda, de lacunas e de limites: de formação intelectual. Sobretudo é escasso o tempo para abordar, neste trabalho, a abrangência, a amplitude e a profundidade da especificidade do campo de conhecimento histórico.

Mais importante ainda: este estudo reflete um sistema de valores de leitura e compreensão do mundo. É uma visão perspectiva dele, afirmando uma negação da postura de neutralidade da ciência, insípida, inodora, incolor e fundamentalmente falsa.

Se o funcionamento e a compreensão do mundo não é de todo exata pelo movimento aleatório dos eventos, porque deveria sê-lo em um trabalho acadêmico?

Isto não significa jogar fora a criança com a água do banho, ou lavar as mãos como Pilatos, na tentativa de isentar-se de seus deveres, mas sim oferecer neste trabalho uma estratégia de compreensão da problemática de uma forma coerente, para que, mesmo com as lacunas e sombras de entendimento, possa-se efetuar o salto no escuro; risco necessário no penhasco do conhecimento.

A aventura da existência implica em vivê-la e em correr riscos. É impossível existir e inventar sem estes riscos, possibilidades abertas de amor e raiva, prazer e angústia. Mesmo nesta última circunstância eles podem ser prazerosos, por nos reconhecermos como sujeitos e objetos deles.

Enfim esta incerteza e esta imponderabilidade, campo livre e transdisciplinar da História enquanto território aberto de criação do radicalmente novo - inédito, constituem o mote desta reflexão.

Esta abordagem inusitada da História permite uma visão crítica do processo de ideologização<sup>7</sup> da mesma. Ela foi instituída por uma estratégia da razão instrumental gestada nas relações de produção e veio a gerar mitos: progresso, desenvolvimento, dogma da ciência e cálculo econômico neutros.

Neste contexto, gestou-se ainda mais perigosamente a idéia de natureza como uma determinação inevitável a se cumprir. Deste engendramento surgiu a idéia de que a História possuía uma similaridade com os fenômenos naturais, existindo desta forma uma natureza histórica, representando um sentido à ser obrigatoriamente percorrido por qualquer sociedade humana. No entanto, estes são critérios referenciais impostos pela classe dominante ou por expressões ideológicas de interpretadores do processo histórico.

Como exemplos deles tem-se a escatologia judaico-cristã, o positivismo fundado por Auguste Comte em sua busca de leis naturais na sociedade<sup>8</sup> e, porque não dizer, de Karl Marx e seu Manifesto Comunista:

“A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis”.<sup>9</sup> (grifo meu).

Estes instrumentos conceituais, ou melhor esses mitos, em suma, esses valores etnocêntricos de um específico modo de vida, com suas relações sociais de produção, erigiram-se como o cume da escalada humana, tomando-se anuladores da potência libertadora e rebelde da História, que a meu ver está colocada na dimensão de se constituir em um conhecimento crítico criado pelos

---

<sup>5</sup> SANTOS, Boaventura de Souza - “Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna”, p. 66.

<sup>6</sup> CASTORIADIS, Cornelius - A instituição imaginária da sociedade, p. 46-47.

<sup>7</sup> MATOS, Olgária C.E - Os arcanos do inteiramente outro, p. 255.

<sup>8</sup> COMTE, Auguste - Sociologia, p. 53.

<sup>9</sup> MARX, Karl e ENGELS, Friedrich - Manifesto comunista, p. 24.

homens e possuidor de alternativas na construção de sua sociedade.

O conhecimento histórico permite aos homens compreenderem os seus papéis em cena e visualizarem as interpretações praticadas por outros atores em diferentes culturas e tempos históricos, possibilitando com essa percepção a atuação no nível da apresentação de alternativas e criação no processo de construção da sociedade.

### **Contribuição da História da Ciência**

Nesse sentido, pode-se afirmar que a área de História da Ciência é por excelência um campo do conhecimento que contribuí para desvendar este processo, porque através dela possibilita-se entender o contexto histórico em que se postulava estarem a natureza, a História e seus mitos, como detentores de um ordenamento regrado, seguindo um encadeamento inflexível.

No seu desenvolvimento temos, por exemplo, cientistas reconhecidos nos três principais campos de conhecimento físico, natural e social:- Newton, Darwin e Marx.

Não pretendo neste estudo realizar um balanço de suas contribuições, pois objetivo considerar que atualmente o momento histórico está afetado pelo signo da indeterminação científica propalada por Einstein, Hubble, Bohr, Morin, Capra e Castoriadis.

Ao colocar-me auto - criticamente considero-me influenciado por este signo, marcando o contexto de minha época e não deixo de constatar que a História da Ciência é permeada de enganos, erros, conflitos de interpretações, na mesma proporção em que estão sujeitos também todas as idéias novas e seus autores.<sup>10</sup>

Neste processo de reflexão, objetivo contemplar possibilidades alternativas contidas no mesmo, que viabilizem um entendimento da História e da Ecologia enquanto conhecimentos que se interagem necessariamente, e que nos permitem enquanto seres históricos decidir por quais sendas trilhar.

Enveredo-me na área da História da Ciência tentando desvendar o processo histórico pelo qual, através do trabalho, domina-se a natureza e se entende como progresso uma ampliação e efetivação desse poder sobre a selvageria natural. Concomitantemente toma-se opaco o processo das relações de exploração entre os homens. Desta folha, este processo representa apenas um caminho no relacionamento homem-homem-ambiente. Faz-se necessário tomá-lo translúcido, atuando cliticamente em relação à própria significação destes conceitos.

Marcuse afirma que:

Todas as grandes teorias do século XVIII adotaram a concepção filosófica de que a história é progresso. Este conceito de progresso, que na sua origem envolvia aguda crítica condenatória a uma ordem social obsoleta, cedo degenerou em frívola complacência para com a mesma. A burguesia em ascensão usava o conceito de progresso como um meio de interpretar a história passada da humanidade como sendo a pré-história do seu próprio domínio, domínio que se destinava a trazer o mundo à maturidade. Quando, dizia-se, a classe média puder, atendendo aos seus interesses materiais, modelar o mundo, uma irrupção nunca vista de forças materiais e intelectuais fará do homem o senhor da natureza e marcará o começo da verdadeira história da humanidade. Como tudo isto ainda não se tinha materializado continuava a história em posição de luta pela verdade. A idéia de progresso, que constituía um elemento essencial do Iluminismo Francês, interpretava os fatos históricos como sinais que indicavam o caminho do homem

---

<sup>10</sup> FEYERABEND, Paul K. - Contra o método, p. 20-21.

em direção à razão. A verdade ainda estava fora do terreno dos fatos ainda estava em um estado do futuro. O progresso implicava que a situação estabelecida fosse negada e não conservada.<sup>11</sup>

Progresso segundo o entendimento anteriormente explicitado por Marcuse, deveria ser a negação da situação estabelecida, e teve essa significação no contexto histórico da citação anterior. No entanto, quando os emissores burgueses de tal formulação se instituíram enquanto poder, houve uma grande alteração de seu significado de progresso, passando este a representar a consolidação de um poder estabelecido e o controle sobre o homem e a natureza através da razão.

Mas que razão é esta que, mata a vida e oprime o homem?

Será que a razão não é única? É possível existir uma razão hegemônica segundo os valores da cultura dominante, que a utiliza para auto-justificar e melhor estabelecer a sua dominação social?

A contestação desta razão ocorre pela irracionalidade, ou por uma razão libertária, alternativa, que pressupõe inclusive a inexistência de certezas e exatidões no universo?

A permanência da inconstância estabelece um ponto de referência a ser melhor dimensionado no e pelo conhecimento, contestando uma bússola teleológica simplificada dicotomicamente que apontaria o sentido correto do desenvolvimento humano: adiantado x atrasado, superior x inferior, norte x sul.

Quais então os parâmetros da racionalidade hegemônica vigente? O quê, quem e como elege-se estes parâmetros como válidos? Eles são o centro cerebral do corpo da ciência, elementos decodificadores com os quais compreendemos e agimos no mundo.

A ciência é uma produção humana inscrita no campo da História que é em determinados momentos utilizada como instrumento de uma determinada classe, para justificar uma situação de dominação. No entanto, quando ela permite ao homem entender as estratégias de sua subjugação, fornece o conhecimento para sua liberação. Este é um processo dinâmico e contraditório imerso no fluxo da História.

A ciência amplia as condições de tomar-se libertadora quando é exercida na democracia e com autonomia. Estes são pressupostos fundamentais possibilitadores do surgimento de uma ciência crítica<sup>12</sup>, que supera as fronteiras disciplinares e as trincheiras de especificidades que impedem uma visão horizontal dos relacionamentos contidos na frágil teia da vida. Enfim, esta luta é a tragédia do saber moderno<sup>13</sup>.

O saber moderno e científico que se pretende construir a partir dos intrincados relacionamentos entre o homem e seu ambiente, está imerso nos turbilhonamentos da interdependência. Este turbilhonamento, a meu ver, é um dos princípios fundamentais da Ecologia e da História. Quanto à Ecologia pode-se entendê-la pelo processo cíclico ordenado da cadeia alimentar, integrada por elementos diversos e interdependentes em um fluxo constante e aleatório. No caso da História ocorre devido ao imperativo de pensar sobre as relações humanas como um processo dinâmico ininterrupto, que estabelece uma trama, costurada pelos fios das vidas individuais e coletivas, formando um tecido histórico social.

Para mergulhar neste emaranhado de eventos, utilizo-me de dois campos transdisciplinares de conhecimento: a História e a Ecologia<sup>14</sup>, procurando conceituar historicamente a questão ecológica, que irrompe à tona trazendo problemas fundamentais quanto à própria continuidade da

---

<sup>11</sup> MARCUSE, Herbert - Razão e revolução, p. 206-207.

<sup>12</sup> FRANCIS, David G. - "A construção social do mundo natural", p. 5.

<sup>13</sup> MORIN, Edgar - O método III - O conhecimento do conhecimento, p. 31.

<sup>14</sup> ROCHA, Antonio José Andrade - "A incorporação da dimensão ambiental nas ciências naturais", p. 46.

existência de qualquer vida, bem como das condições da mesma. Essa minha abordagem coloca em xeque a própria natureza do modo de produção vigente<sup>15</sup>.

A fusão da História e da Ecologia, ou a História Ambiental possui segundo Donald Worster três níveis de abordagens, embora estes constituam “uma investigação única e dinâmica, na qual natureza, organização social e econômica, pensamento e desejo são tratados como um todo.” São eles: 1º) o entendimento de como a natureza se organizou e funcionou no passado; 2º) o domínio sócio-econômico interagindo com o ambiente, através do trabalho, ferramentas e relações sociais, pelas diversas formas em que povos produziram bens de seus recursos naturais; 3º) as percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação, que em nível intelectual tornam-se parte do diálogo de indivíduo ou grupo com a natureza<sup>16</sup>.

Para a realização da pesquisa faço uso da contribuição de pensadores que elaboraram trabalhos sobre a questão e das fontes diversas vinculadas ao espaço delimitado de análise: produção de conhecimento e justificação de empreendimento por grupos multidisciplinares que elaboram os EIAs-RIMAS: Estudos de Impacto Ambiental e Relatórios de Impacto do Meio Ambiente. Trata-se de instrumentos jurídicos exigidos por lei no Brasil para normatizar, fiscalizar, controlar e recuperar a degradação ambiental.

Seleciono estas fontes documentais na Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo, que através das audiências públicas requeridas pela sociedade civil, divulga as informações estabelecendo discussões referentes aos empreendimentos potencialmente poluidores e efetuando análise e julgamento dos EIAs-RIMAS através do seu Conselho de Meio Ambiente.

Aproveito ainda as contribuições sobre a temática produzidas pela legislação do Estado de São Paulo e do governo Federal, analisando a normatização e funcionamento de seus órgãos públicos que trabalham especificamente com o meio ambiente:

CONSEMA-SP, SEMA-SP e os órgãos federais Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA, Secretaria Especial do Meio Ambiente-SEMA.

Objetivo com essa pesquisa documental detectar os argumentos justificadores e valorativos utilizados no processo de investigação, debate e julgamento dos EIAs-RIMAS para que possa analisá-los por intermédio de uma perspectiva crítica que procure contextualizá-los histórica e ecologicamente buscando apresentar suas contradições, dificuldades, questionando suas certezas e demonstrando seus elementos de indeterminação.

Quando se garimpa em um veio tão rico como este, diamantes importantes podem ser ignorados e perdidos. A bateia não tem a dimensão adequada para suportar a todos, privilegiando portanto, segundo meu juízo de valor, aqueles que mais me interessam. O fascínio de tal descoberta, pode despertar com sofreguidão a ganância. Corro, pois, o perigo de não conseguir levantar a bateia, como o de afundar afogando-me com o peso de tais preciosidades. Ah! Vida em primeiro lugar.

Obrigado a eleger e delimitar minhas prioridades de análise, pela infinitude do processo de conhecimento<sup>17</sup>, pelo enorme manancial de informação produzida<sup>18</sup> e por uma postura política<sup>19</sup>, simplifico ordenadamente e artificialmente uma complexidade desordenada.

Com esta análise objetivo problematizar e enriquecer as alternativas de escolha humana na

---

<sup>15</sup> COMMOMER, Barry - Energias alternativas, p. 158.

<sup>16</sup> WORSTER, Donald - “Para fazer história ambiental”, p. 202.

<sup>17</sup> MAX WEBER - Organizador Gabriel Cohn, p. 94.

<sup>18</sup> SCHWARTZ, Eugene S. - Cambios sociales, recursos y tecnologia, p. 144.

<sup>19</sup> FRANCIS, David G. - Op. Cit. p. 5.



busca de uma existência com liberdade, prazer e principalmente felicidade. Procurando também com a destruição de mitos na sociedade, alternativas para sua reconstrução.

Em suma, meu estudo situa-se no campo conceitual de teoria e epistemologia da História, tratando do desvendamento e análise de valores transmitidos pelos conceitos de progresso, desenvolvimento, racionalidade e natureza. O meu intuito é o de afirmar o inédito como um fundamento da História, por ser um componente ligado intrinsecamente as realizações humanas.

Busco, na pesquisa, articular uma estratégia de entendimento e análise crítica através de um diálogo com as fontes, detectando os valores acima enunciados.

As fontes analisadas tratam da legislação e a normatização governamental sobre a questão, como também, particularmente os EIAs-RIMAs confeccionados por grupos particulares de consultoria, integrados por equipe multidisciplinar, sendo estes estudos analisados no Conselho da Secretaria do Meio Ambiente. Estes trabalhos e seu processo de análise apresentam valores considerados justificadores da realização ou não de um empreendimento - realização da produção humana no ambiente dando portanto, um sentido à sociedade.

### **Crise ecológica, crise social**

Realizo este estudo no campo de batalha da sociedade contemporânea, com a emergência mundial da crise ecológica, terreno minado, cheio de armadilhas, arriscado caminhar já que os eventos estão em frenética ebulição e inesperada criação.

No entanto quem sabe como aprendiz de historiador e vinculado aos valores de minha época eu possa modestamente apresentar algumas considerações no calor da refrega, as quais possam de alguma forma contribuir com sabor ao saber.

A crise ecológica faz parte de uma crise mundial, complexa e multidimensional, fundamentada não só nos aspectos de representação social e política, mas também visceralmente enraizada nas formas pelas quais a sociedade estrutura a sua produção e a sua reprodução. Ela investe contra os conceitos mais consolidados até agora, tais como progresso econômico, centralização do poder na sociedade<sup>20</sup>.

Delimito minha abordagem, ao sistema capitalista, por estar ele atualmente estabelecido hegemonicamente a nível mundial. E ele que, através de um processo histórico, impõe seu modo de produzir e valores a sociedade. Este sistema estabelece sua dominação em todas as esferas da sociedade:- social, econômica, política, cultural, científica, tecnológica, educacional e também na natureza - ao extinguir, selecionar, adaptar, criar e reproduzir espécies animais e vegetais, ao construir represas, estradas e lagos, ele atua efetivamente no meio ambiente.

Nesta sociedade progresso e desenvolvimento são entendidos como sinônimos de uma cada vez maior quantidade de bens de consumo: navios, prédios, máquinas. Trata-se de mercadorias que se encontram no grande bazar planetário, do qual o homem é um simples fator de produção e a natureza é o almoxarifado dos recursos naturais, e o lixo dos resíduos da produção.

O aprofundamento do sistema capitalista instituiu uma dinâmica de produção ritmada pela velocidade de reprodução do capital, utilizando-se a ciência e a técnica para impulsionar cada vez mais a aceleração intensiva das máquinas e da reprodução e crescimento de animais e vegetais (biotecnologia). Estas atividades irão exaurir recursos naturais numa rapidez nunca antes constatada na História humana, como irá também esgotar física e mentalmente os trabalhadores.

---

<sup>20</sup> LABEYRIE, Vincent - "Crise ecologique, crise de société et démocratie", p. 88-89.

Deve-se ressaltar que na antiguidade também ocorreu destruição do meio ambiente, por este ser utilizado também intensiva e exaustivamente. Regiões férteis transformaram-se em verdadeiros desertos, ou foram ampliados os já existentes. O assim chamado berço da civilização ou nascente fértil, encontra-se em grande parte degradado. No entanto, o que se constata é que a amplitude e a velocidade; enfim o grau da devastação realizado atualmente possui características peculiares.

Sob o projeto do desenvolvimento ilimitado das forças produtivas, para libertar o homem de seu estado de barbárie em que se encontrava, devido a não realização plena das necessidades culturais desenvolvidas socialmente, esta sociedade, mais do que as outras, arrogou-se o direito de tratar a natureza como um simples mecanismo a serviço de seus valores e insaciáveis interesses.

Considero que esta problemática adquiriu uma envergadura planetária depois da II grande guerra global, devido a constituição de um espaço produtivo mundial<sup>21</sup>, acentuando-se substancialmente por volta dos anos 70, quando o argumento ambiental se tornou um fenômeno cultural, sendo discutido politicamente e divulgado amplamente pela mídia.

Auxiliado por John Mc Cormick<sup>22</sup> traço referências iniciais do movimento ambientalista, que possui características episódicas e difusas, em espaços e tempos diferentes. Houve a formação de pequenos grupos, que no decorrer do processo formaram coalizões, movimentos nacionais, chegando em alguns lugares até mesmo a se internacionalizarem.

Assim é que no início do século XX, em 1909, realizou-se em Paris um Congresso Internacional para a Proteção da Natureza, com a participação de vários países europeus, no qual propôs-se a criação de um organismo internacional de proteção da natureza, sendo fundado em 1914 - o Parque Nacional Suíço.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, organismo da Organização das Nações Unidas - ONU, realiza em 1948 congresso que cria uma entidade híbrida, integrada por órgãos governamentais e não -governamentais, a denominada União Internacional para a Proteção da Natureza - IUPN, a qual tinha por finalidade facilitar a cooperação entre governos e organizações nacionais e internacionais preocupadas com a proteção da natureza.

Em 1949 nos Estados Unidos, realiza-se a Conferência da ONU sobre a Conservação e Utilização dos Recursos (UNSCCUR), discutindo questões sobre a crescente pressão da humanidade sobre os recursos globais. Suas polêmicas demoraram cerca de vinte anos para que começassem a gerar uma abrangente política de conservação internacional.

Por volta dos anos 70, consolidam-se importantes marcos na questão ambiental de repercussão planetária, como a Conferência da Biosfera em 1968, em Paris, abordando aspectos dos impactos humanos sobre a biosfera e a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada no ano de 1972 em Estocolmo. Foi quando pela primeira vez num fórum global adotam-se perspectivas de ações corretivas da degradação ambiental.

Adotou-se nesta Conferência uma declaração de cunho geral, sem ser legalmente obrigatória, na qual estabeleceram-se vinte e seis princípios no trato do meio ambiente e um plano de ação dividido em três categorias:- avaliação ambiental, administração ambiental e medidas de apoio. Contribuiu também consideravelmente para este marco fundador, a publicação Limites do Crescimento, produzida pelo Clube de Roma e divulgada no mesmo ano, bem como a crise do petróleo de 1973.<sup>23</sup>

Entendo que esses eventos pela sua importância e abrangência constituem pilares de uma

---

<sup>21</sup> DELEAGE, Jean-Paul - Histoire de L'écologie, p. 268.

<sup>22</sup> MCCORMICK, John - Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista, passim.

<sup>23</sup> CARDOSO, Fernando Henrique - "Perspectivas de desenvolvimento e meio ambiente: o caso do Brasil", p. 48.

cronologia histórica que marca o surgimento a nível mundial, do reconhecimento dos problemas ambientais.

O Clube de Roma é um clube informal integrado por pesquisadores de várias áreas e países, que possuem o objetivo de:

...investigar cinco grandes tendências de interesse global - o ritmo acelerado de industrialização, o rápido crescimento demo gráfico, a desnutrição generalizada, o esgotamento dos recursos naturais não renováveis e a deterioração ambiental. Estas tendências se inter-relacionam de muitos modos, e seu desenvolvimento se mede em décadas ou séculos.<sup>24</sup>

Neste propósito a equipe de pesquisadores do Clube de Roma, equacionou os dados referentes às cinco tendências de interesse global em computador com matrizes variáveis. Constatou-se então um crescimento exponencial das influências ligadas à degradação ambiental e da qualidade de vida e chegou-se a conclusão de que haverá em um determinado momento um colapso neste sistema pela finitude do mundo.

Para evitar essa ruptura sugerem um planejamento global que vise um estado de equilíbrio da população, do capital, da produção, da utilização e da repartição dos recursos minerais e energéticos. Segundo Jean Pierre Dupuy este relatório demonstra uma estratégia do capitalismo ecológico.<sup>25</sup>

Em 1973 ocorreu a crise do petróleo<sup>26</sup>, foi quando os países produtores deste combustível fóssil largamente utilizado nas sociedades altamente industriais passaram a diminuir a sua produção e a aumentar os preços, gerando um tremor nas estruturas de produção, evidenciando profundamente um aspecto de fragilidade energética do sistema.

No momento destes acontecimentos, entra em foco a polêmica sobre a nova ordem econômica internacional, apresentando várias faces, entre elas a gestão de recursos naturais pela humanidade em conjunto.<sup>27</sup> O exemplo que existe sobre uma organização mundial de Estados é a ONU, que é, no entanto, fortemente marcada por definir suas ações visando unicamente os interesses dos países dominantes econômica e militarmente.

É por isso que na sua organização interna de poder existe um grupo de países que detêm o poder hierárquico superior de vetar qualquer proposta que considere indesejável. Ele é composto pelos:

EUA, Inglaterra, China, França, Comunidade dos Estados Independentes, ex-URSS. Os motivos que levaram estes países a constituírem um poder superior e permanente excepcional, o denominado de Conselho de Segurança, uma ilha de decisão dentro da própria assembléia da ONU, está baseado na dominação que exercem sobre o restante dos Estados nacionais.

Os EUA assumiram para si a tarefa de gendarme mundial, pois convocam sozinhos reuniões da ONU e decidem embargos a países hostis à sua política nacional. Condenam e repelem a brutal invasão iraquiana do Kuwait, mas invadem do mesmo modo países soberanos como Granada e Nicarágua somente para defenderem seus interesses. Está ausente a coerência e a prática da democracia direta e igualitária na ONU.

---

<sup>24</sup> MEADOWS, Dennis L. e outros - Limites do crescimento, p. 18

<sup>25</sup> DUPUY, Jean Pierre - Introdução à crítica da ecologia política, p. 21-22.

<sup>26</sup> CARVALHO, Paulo Gonzaga Mibielli - Meio ambiente e políticas públicas - a atuação da FEEMA no controle da poluição industrial, p. 34

<sup>27</sup> GUIMARÃES, Roberto P. - "A assimetria dos interesses compartilhados: América Latina e a agenda global do meio ambiente", p. 121.

A ONU preocupada com o agravamento dos problemas ambientais detectados em sua primeira conferência mundial sobre o meio ambiente, cria em 1983 um organismo encarregado de propor soluções globais para a questão: a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, presidida pela primeira ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

O objetivo desta comissão era de:

propor estratégias ambientais de longo prazo para obter um desenvolvimento sustentável por volta do ano 2000 e daí em diante; recomendar maneiras para que a preocupação com o meio ambiente se traduza em maior cooperação entre países em desenvolvimento e entre países em estágios diferentes de desenvolvimento econômico e social e leve à consecução de objetivos comuns e interligados que considerem as inter-relações de pessoas, recursos, meio ambiente e desenvolvimento; considerar meios e maneiras pelos quais a comunidade internacional possa lidar mais eficientemente com as preocupações de cunho ambiental; ajudar a definir noções comuns relativas a questões ambientais de longo prazo e os esforços necessários para tratar com êxito os problemas de proteção e da melhoria do meio ambiente, uma agenda de longo prazo a ser posta em prática nos próximos decênios, e os objetivos a que aspira a comunidade mundial.<sup>28</sup>

Este estudo se transformou em um relatório denominado *Nosso futuro comum* apresentado a Assembléia Geral da ONU em 1987, o qual tem como objetivo central o conceito polêmico: desenvolvimento sustentável, que será objeto de análise no capítulo 3º deste livro.

Diante desta gama de possibilidades a respeito da gestão dos recursos ambientais pela comunidade mundial, aproveito para colocar algumas inferências a saber:

Se a gestão dos recursos naturais deve ser feita pela humanidade como um todo, o primeiro problema a ser solucionado é o do poder hierárquico no interior da ONU. Assim é que a riqueza material planetária<sup>29</sup>: alimentos, tecnologia, remédios, energia, enfim, tudo que pudesse significar uma repartição do poder e melhoria de vida para toda a humanidade teria que ser gerida por um conselho Estados, ou melhor ainda, por um conselho de nações.

Desta forma provavelmente tornar-se-ia dispensável a existência do próprio Estado, pois um governo planetário que atuasse sob o selo da democracia direta e do consenso, dificilmente teria justificações para a manutenção de fronteiras políticas, econômico e sociais e mais abissalmente extinguiria as diferenças de classes, produtoras da fome, espoliação, miséria; erradicaria a opressão racial, cultural e de sexo.

Imagine que Ícaro e Dédalo alçaram vôo nas costas da coruja de Minerva, e que contornaram Gaia em um círculo perfeito imemoráveis vezes. Tantas que neste círculo já não sabem mais onde está o ponto inicial. Por onde dar-se-á a abolição da exploração, através da derrocada da propriedade privada ou do Estado, pela negação de servir, pela implantação da democracia direta, pela construção da autonomia<sup>30</sup> ou por todas estas ações em conjunto e simultaneamente?

Revolucionários provavelmente cairiam das barricadas, embriagados de surpresa e emoção. Se Ubris, bem como Dike são os artífices da História, não existe argumento que possa excluir essa possibilidade.

---

<sup>28</sup> Comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento, - *Nosso futuro comum*, p. XI.

<sup>29</sup> VIOLA, Eduardo J. e LEIS, Hector R. - "Desordem global da biosfera e nova ordem internacional: o papel organizador do ecologismo", p. 171-172.

<sup>30</sup> BRAGANÇA, Celina Franco - *Methodological approaches in environmental impact assessment proposals of E.I.A. criteria in São Paulo*, p. 51.